

O milagre brasileiro

Em meus ensaios, costumo usar um microscópio apontado para os sujinhos escondidos debaixo do tapete. Desta vez, troco-o pelo telescópio, que mostra um Brasil visto de longe, ao largo das imperfeições do cotidiano e dos dignitários do presente. O que revela essa imagem? Faz um século, não éramos quase nada. Um país formado de índios na Idade da Pedra, africanos na Idade do Bronze, e colonizado pela nação mais atrasada da Europa Ocidental. Os dois primeiros não possuíam escrita. Em 1900, Portugal tinha a mesma taxa de alfabetização (15%) que a Europa antes de Gutenberg. Os imigrantes da Europa Central fizeram diferença. Mas não foram tantos assim. Os visitantes descreveram o nosso atraso social. Segundo Darwin, “nossos anfitriões têm maneiras deselegantes e desagradáveis; as pessoas e as casas são imundas”. Para Eschwege, “os mineiros não fazem uma caminhada de meia hora para ver e aprender alguma coisa”.

“O milagre brasileiro é ter avançado tanto, apesar da origem vira-lata do país e dos escandalosos descompassos do presente”

Em 1900, o Rio de Janeiro estava proscrito para estrangeiros, pela sua insalubridade. A esperança de vida andava por volta de 30 anos, a mesma da Europa na Idade Média. Entramos no século XX com renda per capita menor que a do Peru e cinco vezes menor que a da Argentina (e com nossas revistas escritas e impressas na Europa). Mas a economia disparou. Entre 1870 e 1987, nosso PIB cresceu 157 vezes, comparado com 84 vezes para o Japão e 53 vezes para os Estados Unidos. Ou seja, por mais de um século lideramos o crescimento mundial. Por volta da II Guerra Mundial, importávamos palitos, sapatos, biscoito, lápis, manteiga, banana, cerveja, tecidos e roupas.

O salto econômico foi enorme. Viramos um país industrializado, ficamos à frente da Alemanha em produção de automóveis, liderando em fabricação de ônibus e sendo o terceiro maior produtor de aviões comerciais. Trocamos uma agricultura semi-feudal por um agronegócio de forte base tecnológi-

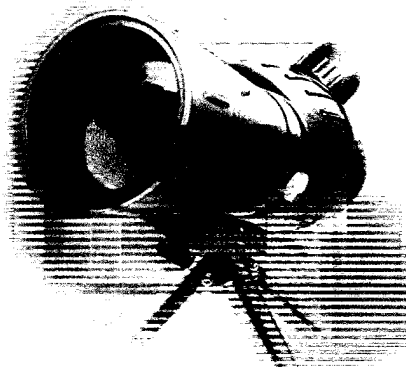
ca, apoiado em pesquisa de primeira linha. Em 1950, não publicávamos artigos científicos no exterior. Hoje, chegamos à 13ª posição mundial. A revolução do etanol tem como epicentro a região de Ribeirão Preto, que, em 1932, Peter Fleming assim descreveu: “Os escassos povoados davam a aparência de pobreza, estagnação e de serem incapazes de esperanças ou desesperos”.

Os indicadores sociais subiram vertiginosamente. Esperança de vida, posse de bens duráveis, tudo cresceu, e não foi pouco. Os retardatários são distribuição de renda, criminalidade e esgoto tratado. Também o mau uso do meio ambiente.

Embora os números da educação sejam péssimos, nossa irritação presente nos cega para os avanços obtidos. Em 1900, por volta de 90% da população não sabia ler. Nessa época, Uruguai e Argentina já tinham uma sólida rede escolar pública. Agora, praticamente todos os brasileiros (de 7 a 14 anos) estudam. Faz pouco, Paraguai e Peru tinham estatísticas de escolaridade superiores às do Brasil. Hoje, chegamos bem perto dos melhores latinos. Falta muito, mas melhorou.

No plano social e político, vamos bem — pelo menos nas comparações. Temos uma sociedade heterogênea, mas culturalmente integrada e com forte sentido de identidade e nação. Exibimos uma invejável tradição de paz social e tolerância (a boa herança portuguesa). Nossa democracia dá uns espirros, mas tem boa saúde. Também não há problemas com vizinhos e fronteiras. Os otimistas aplaudirão. Os pessimistas acharão pouco.

Talvez algumas comparações sejam esclarecedoras. No nosso canto do mundo, a Argentina brilhou no passado, mas perdeu o fôlego. O Chile vai bem, mas em 1895 já tinha 38% de alfabetização, quatro vezes a do Brasil de então. E pelo mundo afora? Não há nada para invejarmos na África ou no mundo árabe. Para chegar aonde está, a Europa levou 2000 anos. Mesmo assim, vários países ficaram para trás (como Grécia e Turquia). Brilham as sociedades de etnia chinesa. Mas, como comparar, se têm 3000 anos de tradição e tiveram altíssimo nível de desenvolvimento no passado? Por exemplo, a Coreia inventou a imprensa com tipos móveis no século XIII, desenhou o próprio alfabeto no XV e fundou sua academia de ciências no XVIII. E a Índia, ainda mais heterogênea? Comparar com os sucessos das cidades high-tech ou com a miséria e o sistema de castas? O milagre brasileiro é ter avançado tanto, apesar da origem vira-lata do país e dos escandalosos descompassos do presente.



CLAUDIO DE MOURA CASTRO é economista